

COLEÇÃO  
PARA  
CONHECER

Aquisição da Linguagem

*Elaine Grolla e Maria Cristina Figueiredo Silva*

Fonética e Fonologia do Português Brasileiro

*Izabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes e Cristiane Lazzarotto-Volcão*

Morfologia

*Maria Cristina Figueiredo Silva e Alessandro Boechat de Medeiros*

Norma Linguística

*Carlos Alberto Faraco e Ana Maria Zilles*

Semântica

*Ana Quadros Gomes e Luciana Sanchez Mendes*

Sociolinguística

*Izete Lehmkuhl Coelho, Edair Maria Görski, Christiane Maria N. de Souza e Guilherme Henrique May*

*Coordenadores da coleção*

Renato Miguel Basso

Izete Lehmkuhl Coelho



Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia sem a autorização escrita da editora.

Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo deste livro.

As Autoras conhecem os fatos narrados, pelos quais são responsáveis, assim como se responsabilizam pelos juízos emitidos.

Consulte nosso catálogo completo e últimos lançamentos em [www.editoracontexto.com.br](http://www.editoracontexto.com.br).

Ana Quadros Gomes  
Luciana Sanchez Mendes



# PARA CONHECER Semântica



editora**contexto**



## O SINTAGMA NOMINAL

### Objetivos gerais do capítulo:

- Apresentar os tipos de sintagma nominal, discutindo as propriedades semânticas de cada um deles em PB, passando por contrastes como nome nu *versus* sintagma de determinante, massivo *versus* contável e definido *versus* indefinido;
- Expor as teorias clássicas da Semântica Formal sobre os sintagmas nominais e introduzir ferramentas para a análise semântica dos nominais no PB.

### Objetivos de cada seção:

- *Diversidade entre os Sintagmas Nominais (SN) argumentais*: mostraremos que os diferentes sintagmas nominais em posição argumental se comportam de maneira muito distinta;
- *Nomes nus*: apresentaremos a diferença de comportamento de SN nus singulares e plurais;
- *A semântica do plural*: discutiremos o número no SN do ponto de vista semântico;
- *A distinção contável-massivo*: apresentaremos o comportamento dos nominais quanto a propriedades relacionadas a essa distinção tradicional;
- *Sintagmas de determinante*: introduziremos algumas possibilidades de sintagmas de determinante e apresentaremos sua semântica básica;
- *Quantificadores generalizados*: introduziremos essa abordagem clássica dos sintagmas nominais;
- *(In)definitude*: debateremos os modos de referência no discurso e na sentença;
- *Escopo de quantificadores*: apresentaremos a interação entre determinantes e operadores.

## 1. DIVERSIDADE ENTRE OS SINTAGMAS NOMINAIS ARGUMENTAIS

Vimos na seção “Predicação e composicionalidade” que, em uma sentença, encontramos predicados e argumentos. Observe nas sentenças (1) os argumentos destacados.

- (1) a. *Totó* me mordeu.  
 b. *Um cachorro* me mordeu.  
 c. \**Cachorro* me mordeu.

Observe a semelhança entre nomes comuns como *cachorro* e *gato* com predicados como *chegou* e *colocar*, vistos no capítulo anterior.

Você reparou na diferença entre os exemplos? O argumento destacado em (1a) é uma única palavra, o nome próprio *Totó*. No entanto, em (1b), em seu lugar temos duas palavras: o nome comum *cachorro* está precedido por *um*. Chamaremos *um* de **determinante**. Caso tentássemos usar uma só palavra em (1b), chegaríamos a (1c). Mas (1c), sem determinante, não é uma sentença bem construída em português. Isso mostra que, diferentemente dos nomes próprios, os nomes comuns (aqueles que nomeiam não um indivíduo em particular, como *Totó*, mas um conjunto de objetos com certa propriedade, como a de ser canino, no caso de *cachorro*) precisam juntar-se a um determinante, formando uma expressão mais complexa (um sintagma nominal – SN – com múltiplas palavras) para poderem servir de argumento sentencial.

Vamos tratar qualquer nome comum como um predicado, ou seja, como uma função característica, que faz o seguinte: verifica se cada um dos elementos do domínio dos nomes apresenta ou não a propriedade descrita por ele próprio, formando assim dois grupos distintos. Por exemplo, considerando que o mundo tem apenas os cachorros *Totó*, *Fiel* e *Lessi*, e os gatos *Félix*, *Mingau* e *Garfield*, o nome comum *cachorro*, verificando quem tem a propriedade de ser canino, vai pegar no domínio somente *Totó*, *Fiel* e *Lessi*; o nome comum *gato*, verificando quem tem a propriedade de

**Função característica** é um tipo especial de função que mapeia indivíduos a valores de verdade. Ela mapeia o indivíduo ao valor **verdadeiro** se o indivíduo tem a propriedade descrita pela função, e ao valor de verdade **falso** se o indivíduo não tem essa propriedade.

ser felino, seleciona como elementos do seu conjunto apenas *Félix*, *Mingau* e *Garfield*.

São esperados casos como (2), em que o nome comum não precisa vir precedido por um determinante, já que exerce o papel de predicado e não de argumento, papel este que é desempenhado na sentença pelos nomes próprios coordenados *Totó*, *Fiel* e *Lessi*:

- (2) *Totó*, *Fiel* e *Lessi* são *cachorros*.

Se constituintes com uma palavra só (*Totó*, em (1a)) são equivalentes a SN maiores (*um cachorro*, em (1b)), as duas palavras combinadas num mesmo SN não podem fazer contribuições iguais. Cabe então perguntar qual é o papel de cada um dos elementos de um SN como *um cachorro*. A Sintaxe Gerativa assumiu que, da mesma forma que todo predicado verbal precisa da flexão (desinência verbal) para ser ancorado no tempo e no espaço (por exemplo, *O filho de João nascer* não é uma sentença que exprima um pensamento completo, ao passo que *O filho de João nasceu* é uma boa descrição de um acontecimento), também todo predicado nominal tem de se combinar a um determinante para poder fazer referência. Nesse sentido, a teoria considera que a categoria mais central do SN não é o nome comum, que tem como significado um conjunto de objetos de certo tipo (p.ex., *gato* denota felinos como *Felix*, *Mingau* etc.), mas o determinante, que tem um significado mais geral (*um*, em (1b)), não significa um indivíduo em particular, nem um conjunto deles. Determinantes como *um* são, portanto, palavras funcionais que realizam uma operação no domínio dos nomes comuns. A agramaticalidade da sentença (1c) então é justamente explicada pela ausência do núcleo funcional. No entanto, há sentenças sem determinante realizado que são boas. Veja:

- (3) *Cachorros* perseguem gatos.

Note que a sentença (3) não predica sobre um cachorro em particular (diferentemente de (1a), por exemplo, que fala de *Totó*), mas descreve um comportamento generalizado para todo e qualquer cachorro. Sentenças desse tipo são chamadas de genéricas, e sentenças como (1a) e (1b), por sua vez, são chamadas de episódicas, porque descrevem situações únicas, que não se repetem, estão ancoradas no tempo e no espaço, e envolvem participantes particulares. O *Totó* até pode morder de novo a mesma pes-

soa, mas aí teremos uma nova mordida; não será o retorno da mordida que a sentença (1a) descreve. O contraste entre (1c) e (3) indica que a ocorrência de um nome comum sem determinante em posição argumental é favorecida não só pelo tipo de sentença (como a sentença genérica), mas também pela marca de morfologia de plural. SN sem determinante como *cachorro* (1c) e *cachorros* (3) são chamados sintagmas nominais nus (NN). Na próxima seção, vamos examinar algumas diferenças entre os dois.

## 2. NOMINAIS NUS

Vimos anteriormente que sintagmas nominais como *cachorro* e *cachorros* podem ocorrer como argumentos ou como predicados. A possibilidade de ocorrência de nominais nus em posição argumental varia de língua para língua. Observe a diferença entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) no que diz respeito à ocorrência de nominais nus plurais (os “plurais nus”, do inglês *bare plurals*) – ex. de Peres, 2013:

- (4) a. *Crocodilos* são muito perigosos. (estranho em PE, aceitável em PB)  
 b. Tenho horror a *crocodilos*. (aceitável tanto em PE quanto em PB)

Você notou que existe uma diferença na posição argumental de sujeito (4a)? E que que falantes do PE e do PB aceitam igualmente nomes nus na posição de objeto (4b)? Já o nominal nu singular (*bare singular*) ocorre apenas em PB. As sentenças em (5) são inaceitáveis para os portugueses (Raposos, 2013):

- (5) a. Comprei *revista* domingo.  
 b. Adoro *rosa*. (a flor, não a cor)

Os portugueses diriam *comprei revistas*, em lugar de (5a), e *adoro rosas*, em lugar de (5b). Logo, um fator que distingue a gramática do PB da do PE é o emprego de singulares nus em posição argumental. Porém, mesmo em PB, um singular nu não pode ocupar a posição de argumento em qualquer sentença. O seu licenciamento em posição de sujeito é mais difícil do que em posição de complemento, como vimos pela restrição da sentença (1c) *\*Cachorro me mordeu*. Observe, ainda, o contraste entre (5) e (6).

- (6) *\*Vizinha do meu irmão* sofreu uma queda e quebrou a perna.

Como se verá, o singular nu não é sempre agramatical na posição de sujeito, pois seu licenciamento é sensível ao tipo de sentença, como será mostrado a seguir. As sentenças em (7) são genéricas e aceitáveis em português, enquanto, em (8), os mesmos NN singulares na posição de sujeito de sentenças episódicas tornam as sentenças agramaticais.

- (7) a. Homem não chora.  
 b. Água ferve a 100°C.  
 (8) a. *\*Homem* tropeçou numa pedra e torceu o tornozelo.  
 b. *\*Água* já ferveu.

Vale notar que essa restrição é exclusiva dos NN. sintagmas determinantes (SD) são perfeitos tanto como sujeitos como complementos de sentenças episódicas. Experimente acrescentar um determinante às sentenças (6), (8a) e (8b): *A vizinha do meu irmão* sofreu uma queda e quebrou a perna, *O homem* tropeçou numa pedra e torceu o tornozelo, *A água* já ferveu.

Além das diferenças nas condições de licenciamento, há diferenças interpretativas entre NN e SD. Eles diferem entre si, por exemplo, quanto à capacidade de fixar uma quantidade, como mostrou Greg Carlson, que desde 1977 estuda os NN do inglês. Esse semanticista notou que os plurais nus em posição argumental ganham interpretações bem diferentes quanto à quantidade de indivíduos sobre a qual o predicado incide. Veja os exemplos em (9), adaptados para o português – (9d) pode não parecer muito natural, mas imagine que se trate de uma manchete de jornal.

- (9) a. Cachorros são quadrúpedes. (virtualmente todos)  
 b. Cachorros têm em média seis filhotes por gestação. (só as fêmeas férteis)  
 c. Cachorros abanam o rabo para o dono. (só os que têm dono)  
 d. Cachorros foram abandonados nesta rua. (alguns, cinco)

Você reparou como muda drasticamente o número de indivíduos cachorros considerados de uma sentença para outra na sequência anterior? Como explicar esse fato? Será que o plural nu *cachorros* é ambíguo? Se fosse, precisaríamos assumir múltiplas entradas lexicais para o termo: *cachorros1* significaria todos os cachorros do mundo, mas *cachorros2* significaria aqueles que moram na minha casa etc. – essa não parece uma boa ideia.

Em trabalhos clássicos, Carlson (1977) e Chierchia (1998) propuseram que os NN têm sempre a mesma semântica; a variabilidade na interpretação de quantidade observada de (9a) a (9d) decorre do fato de que cada predicado recorta diferentemente o seu argumento. Essa tese é conhecida como a hipótese do significado uniforme. O significado básico único que os autores atribuem ao NN é o da espécie, ou seja, *cachorros* significa a espécie *canis familiaris*. Predicados genéricos (9a e 9b) fazem referência à espécie toda ou a seus representantes típicos; predicados habituais, que generalizam sobre a frequência de determinada situação, recortam um subconjunto, os membros da espécie presentes na tal situação (9c); já predicados episódicos selecionam membros particulares dessa espécie para contar algo sobre eles (9d).

Embora os NN não fixem um teto de quantidade, é possível sim diferenciar os plurais nus dos singulares nus no PB pelo número mínimo de indivíduos em sua interpretação. Veja as sentenças em (10).

- (10) a. Eu comprei abacaxi na feira.  
b. Eu comprei abacaxis na feira.

Para descrever uma situação em que foi adquirido um único fruto, (10b) soa inadequada, mas (10a) é ok. Porém, se compramos mais de um abacaxi, ambas as sentenças são adequadas. Já quando tudo o que eu comprei de abacaxi na feira foi uma bandeja contendo duas fatias, ou seja, menos de um fruto completo, (10b) soa estranho e (10a), normal. Isso indica que o significado do singular nu *abacaxi* inclui todas as quantidades possíveis, inclusive uma unidade isolada ou partes de um inteiro, mas o plural nu *abacaxis* exige pelos menos duas unidades completas. Esses dados são diferentes apenas pela presença/ausência do morfema *-s* no NN e levam a uma pergunta: qual seria a semântica do plural em PB?

### 3. A SEMÂNTICA DO PLURAL

Na nossa trajetória escolar, a marcação de número foi sempre tratada como um fenômeno morfossintático, associado à concordância nominal. A exploração da semântica do plural nunca teve muito espaço.

Temos, no entanto, uma intuição de que a forma singular faz referência a um indivíduo e a forma plural faz referência a dois ou mais. Desde João de Barros, um gramático do século XVI, o número no SN em português é visto como “aquela distinção por que apartamos um de muitos” (Barros, 1971: 309). Mas o plural significa mesmo dois ou mais indivíduos, como a tradição gramatical entende? E o singular significa mesmo um único indivíduo?

Na visão do linguista Joaquim Mattoso Câmara Jr., o PB conta com um morfema que expressa número no domínio nominal, realizado como *-s*, em *abacaxis*. Na sua visão, estruturalista, a presença de *-s* indica plural, e sua ausência, representada por  $\emptyset$ , em *abacaxi $\emptyset$ , singular (Câmara Jr., 1975). Mas o que cada uma dessas formas denotaria?*

Em sentenças episódicas, o significado de certos SD em posição argumental segue a nossa intuição: *A minha caneta é azul* fala de uma única caneta, e *As minhas canetas são azuis* fala de duas ou mais canetas. Mas, como vimos, as sentenças genéricas apresentam características que influenciam na denotação do sintagma argumental. A sentença *As laranjas têm vitamina C* não significa que duas ou mais laranjas têm vitamina C, mas passa a ideia de que qualquer laranja conterá essa vitamina. O mesmo pode-se dizer das sentenças *A laranja tem vitamina C*, *Laranjas têm vitamina C* e *Laranja tem vitamina C*. A presença ou ausência do morfema *-s* não parece interferir na noção de número de laranjas contendo a vitamina. Faça o contraste com os exemplos das canetas.

Já comentamos o fato de que, em sentenças episódicas com argumentos nus, lemos a denotação do singular de outra forma, ao contrastarmos *Comprei abacaxi* e *Comprei abacaxis*. Nesses exemplos, embora seja verdade que o SN com *-s* requer incluir na compra no mínimo dois abacaxis, a ausência desse morfema ( $\emptyset$ ) não produz necessariamente leitura de singular, mas deixa a quantidade completamente indefinida. Isto é, como já apontado, *Eu comprei abacaxi na feira* não significa que eu comprei exatamente um abacaxi inteiro: essa sentença será julgada verdadeira se eu tiver comprado dois, dez ou metade de um.

Afinal, a questão do que é plural e do que é singular não é tão simples. Para complicar ainda mais, pense em casos em que o acréscimo do

morfema *-s* claramente não significa aumento de número de indivíduos ou objetos (cardinalidade). Em *As águas vão rolar, Vai tudo pelos ares, Ato contra a violência toma as areias de Copacabana, É preciso fazer a demarcação das terras indígenas*, o morfema *-s* não expressa pluralidade de indivíduos/unidades (duas ou mais águas, areias, ares, montes de terras), mas amplitude, grande volume. Além disso, o morfema *-s* pode expressar leituras de diferenciação de tipos ou espécie, como em *açúcares* (= mascavo, branco, demerara) ou *vinhos* (tinto, branco, rosé). Como se não bastasse, certos SN do PB parecem não aceitar bem o morfema de plural: *João perdeu sangue na cirurgia*, mas *\*João perdeu sangues na cirurgia* (compare a *João perdeu moedas*).

Então, o que significa ser plural/singular? E como isso é marcado em PB? Está claro que tanto a definição nocional/tradicional de plural como mais de um quanto a associação entre o morfema zero ( $\emptyset$ , a ausência de *-s*) e singular (= exatamente um) não têm sustentação empírica. Uma definição da semântica do morfema do plural do PB que desse conta de todos os seus empregos teria de ser algo como “aumento de quantidade” (seja em volume, cardinalidade ou tipos).

Discutimos o número no domínio nominal em PB. Mas serão todas as línguas iguais nesse quesito? Não. Há línguas sem morfema de plural. Karitiana (língua indígena da família tupi, ramo arikém, falada em Rondônia) não tem oposição morfossintática entre plural e singular; a palavra *taso* (‘homem’), na sentença *Taso naka 'yt boroja* (‘Homem comeu cobra’) pode ser interpretada como ‘os homens’, ‘homens’, ‘um homem’, ‘o homem’, ‘homem’; e a palavra *boroja* (‘cobra’) também pode ter leitura singular ou plural (Müller, Storto e Coutinho-Silva, 2006).

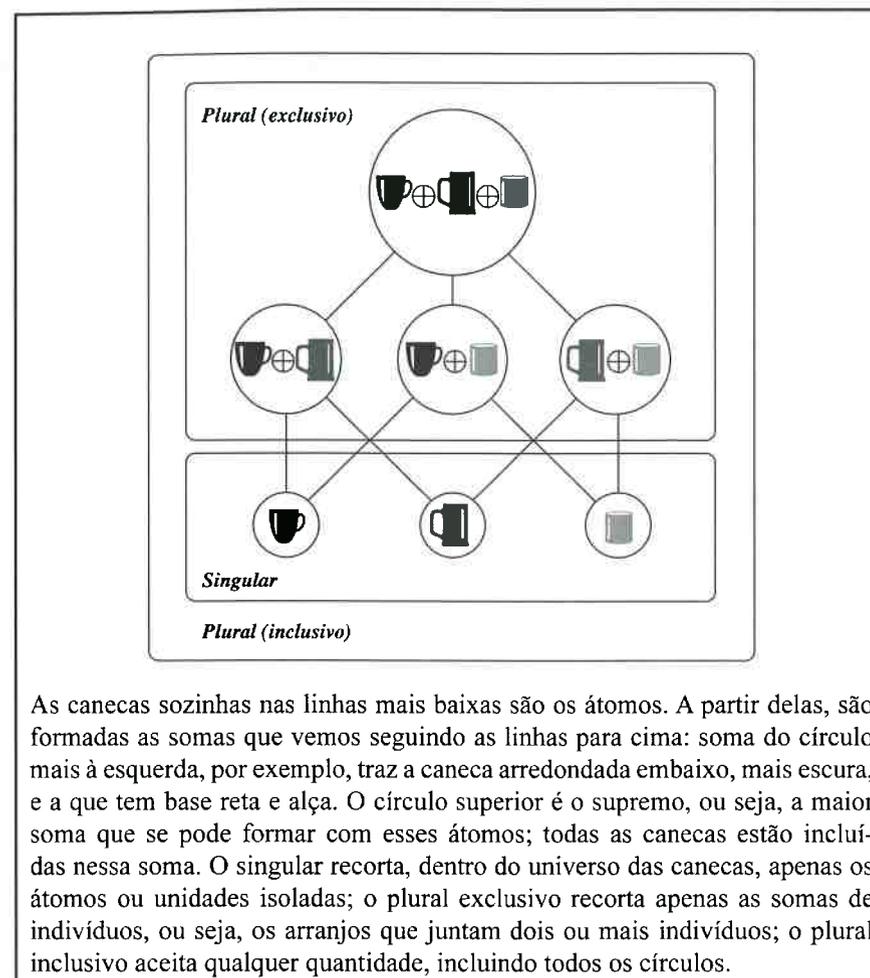
Já as línguas que possuem morfema de plural apresentam certas tendências gerais de interpretação. No entanto, pode haver ainda divergência quanto à sua denotação. Há uma discussão na literatura semântica que envolve a possibilidade de formas plurais fazerem referência também a singularidades. Se você está achando estranho considerar que o plural possa também fazer referência a singularidades, imagine a seguinte sentença: *Não tem cadeiras na sala*. Está claro que ela expressa que não há nenhuma cadeira na sala, ou seja, nega a existência de uma ou mais

cadeiras nesse cômodo. Nesse caso, portanto, *cadeiras* faz referência a singularidades e a pluralidades. Este é o chamado plural inclusivo, oposição ao plural exclusivo, que exclui as singularidades de sua denotação. No entanto, se considerássemos o plural como inclusivo, em sentenças afirmativas, como *Tem cadeiras na sala*, teríamos que ter a leitura de que há uma ou mais cadeiras na sala, mas não é isso que acontece. Essa sentença não é adequada se houver apenas uma cadeira na sala. Considera-se que a leitura de dois ou mais indivíduos nesse caso é resultado de competição pragmática (se a pessoa não quisesse distinguir um ou mais objetos, poderia ter dito *Tem uma cadeira na sala*). Segundo essa abordagem, como o plural pode fazer referência a indivíduos singulares e a somas de indivíduos, e o singular só pode fazer referência a um indivíduo isolado, o singular é o mais marcado. Isso quer dizer que ele tem significado mais especializado.

Mas veja que a expressão de singular em PB só ocorre em SD como *uma cadeira*, já que o singular nu *cadeira* em *Tem cadeira na sala* significa exatamente uma cadeira. Esse é precisamente o termo utilizado para se fazer referência a uma ou mais cadeiras. Assim sendo, parece que o plural do português não é inclusivo, ou entraria em competição com o singular nu nesses casos.

Para aprofundarmos a noção semântica de plural, considere a proposta de que o domínio nominal tem uma estrutura interna (Lieber, 1983). Vamos considerar como um exemplo de universo uma casa em que existem apenas três canecas. Há situações em que você vai usar apenas uma (qualquer uma das três); há situações em que, tendo um visitante, você precisará usar duas (qualquer dos pares possíveis de formar com as três canecas); e, se tiver dois visitantes, terá de colocar todo o seu trio de canecas em uso. O desenho na Figura 1, que é chamado de *reticulado*, mostra todas essas possíveis combinações.

Figura 1 – Reticulado com canecas



Crédito de imagem: *mug* by Annie Wang e *beer mug* by Pedro Santos from the Noun Project.

Esse modelo representa a relação lógica estabelecida entre as partes e o todo e é chamado **mereológico**. Com a ajuda desse reticulado, podemos verificar que o nome nu *caneca*, em PB, não é utilizado apenas para se fazer referência às singularidades. Você pode dizer *Eu tenho caneca em casa* tendo uma ou mais canecas. Nesse sentido, a denotação de *caneca* faz referência ao reticulado todo e coincide com a denotação de plural inclusivo no esquema anterior. Por isso, esse nominal nu em português também é

chamado de nominal de número neutro, em vez de singular nu. Já o nome nu plural do português, *canecas*, só pode ser usado para falar das duplas ou do trio (denotação do plural exclusivo). O contraste entre o singular nu *caneca* e o plural nu *canecas* está no fato de que a forma plural não é usada para falar de apenas um indivíduo; mas ambas podem ser usadas quando há dois ou mais indivíduos.

Há línguas, no entanto, em que o NN só pode ser plural, como o PE e o inglês, e nelas o nu plural tem outra interpretação. Em inglês, a sentença *She went shopping for mugs (\*mug)* ('Ela foi comprar canecas') é usada mesmo que se deseje apenas uma caneca. Ou seja, o plural nu do inglês inclui também um indivíduo isolado (plural inclusivo). Em PB, a forma plural de um nome só inclui somas (pluralidades), não indivíduos isolados (plural exclusivo).

Mas... se o nominal nu *caneca* é neutro e não indica um indivíduo só, como o falante pode indicar singularidade em PB? Para determinar uma quantidade exata, o falante de PB vai ter de usar um sintagma de determinante como *a caneca, uma caneca, quatro canecas...* Só os SD colocam um limite máximo de quantidade na sua referência. Os nomes nus, seja com ou sem marca de plural, nunca definem um limite máximo: podemos usar *caneca* ou *canecas* para 2, 4 ou 30 objetos. O plural nu define apenas um limite mínimo (*canecas* não serve para falar de uma única caneca).

Depois de termos discutido um pouco a diferença entre SD e NN, e atacado conceitos equivocados, mas muito difundidos, sobre como se dá a expressão de quantidade, vamos passar a uma propriedade gramatical em que a interpretação da quantidade é o protagonista: a distinção contável-massivo.

#### 4. A DISTINÇÃO CONTÁVEL-MASSIVO

Os SN podem fazer referência a pessoas (*a sua irmã caçula*), animais (*o gatinho da vizinha*), lugares (*a casa dele*), objetos (*o meu celular*) etc. Entretanto, não é verdade que os SN (os substantivos) apenas "nomeiam seres", como a tradição gramatical nos induziria a pensar: SN denotam sentimentos (*o amor de Romeu por Julieta*), estados (*essa tranquilidade*), eventos (*o nascimento do Luís*), materiais (*os ladrilhos do piso*), líquidos (*a água do mar*), substâncias (*o pó que se acumulou sobre o móvel*) etc.

Esse grande leque de tipos de referente não interfere na capacidade de um SN funcionar como argumento: se você quiser, facilmente construirá uma sentença com cada um dos exemplos dados, combinando-os a predicados.

O que chamou a atenção de filósofos e linguistas foi uma certa correlação entre a natureza do referente, de um lado, e o comportamento sintático-semântico dos SN, de outro, observada em línguas naturais diversas. Esses fatos encorajaram os estudiosos a propor uma separação generalizada dos nominais em dois grandes grupos: contáveis e massivos – *grosso modo*, os nomes contáveis denotam indivíduos que podem ser contados gramaticalmente, enquanto os massivos têm denotação não contável.

Há autores que argumentam a favor dessa classificação invocando critérios sintáticos, enquanto outros privilegiam critérios semânticos. Mas será que essa distinção é linguística (gramatical) ou é extralinguística (do mundo)? Em outras palavras, será que a percepção de mundo se reflete na língua? Ou é a língua que recorta e formata o modo de referência?

Vamos examinar alguns dos critérios adotados pelos proponentes da distinção contável-massivo, o que nos permitirá entendê-la melhor e acompanhar contribuições para o que se sabe atualmente a esse respeito em português brasileiro. Uma linha de explicação para o contraste contável-massivo considerada como insustentável é a que recorre exclusivamente ao critério da Ontologia (o estudo daquilo que existe e das suas propriedades no mundo, não na língua). Essa proposta é a de que o mundo tem líquidos e substâncias de um lado e, de outro, seres individuados, que apresentam unidades discretas e podem agrupar-se; tal distinção extralinguística seria refletida pela língua.

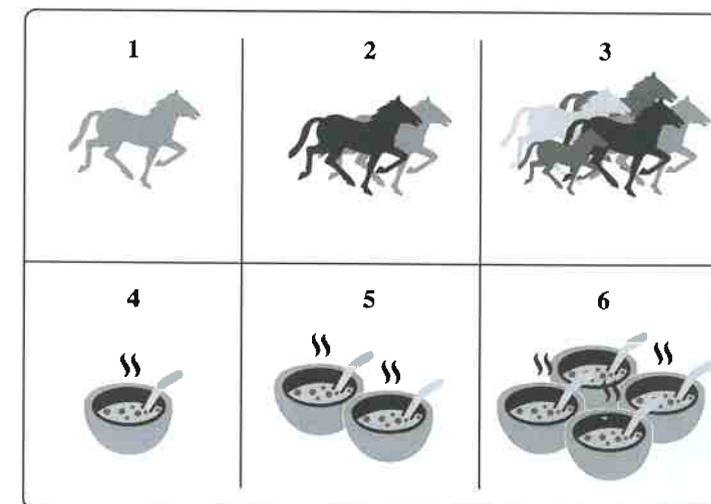
Essa visão ontológica é colocada em xeque pela observação de que o mesmo referente no mundo pode ser acessado por um nome massivo numa língua e por um nome contável em outra. Por exemplo, a mesma coisa recebe um nome contável no inglês (*hair, luggage* – ‘cabelo’, ‘bagagem’) e um nome massivo em italiano (*capello, bagaglio*). Isso acontece até mesmo dentro de uma mesma língua: tanto *feijão* como *arroz* são grãos, até fáceis de separar uns dos outros; se a língua refletisse cegamente a realidade, esperaríamos que ambos recebessem nomes contáveis; no entanto, *feijão* é contável, mas *arroz* é massivo em PB: é muito mais natural dizer que tenho *três feijões* na palma da minha mão do que *\*três arrozes*.

Contraria também a visão ontológica o fato de que um mesmo SN pode apresentar leitura massiva num contexto e contável em outro, tal como *carinho* (na acepção de sentimento, é massivo; na de carícia, é contável). Diversas outras expressões podem ser aplicadas tanto a objetos discretos quanto a materiais/substâncias, como *chocolate, sabão, pano* etc. Também não favorece a abordagem ontológica o fato de podermos alcançar a mesma referência por dois caminhos ou sentidos, e um deles ser um nome massivo e outro contável: *dinheiro* é massivo (*Quanto dinheiro você tem?*), mas *real* é contável (*Quantos reais você tem?*); *gente* é massivo, mas *pessoa* é contável; e há muito mais pares.

Uma outra abordagem para a distinção contável-massivo é a que utiliza o critério semântico do modo de referência. Segundo essa proposta, a Semântica não é moldada pela realidade extralinguística, mas a Ontologia deve ser guiada pelos fatos da língua (Link, 1983). Uma das propriedades do modo de referência das expressões nominais, a propriedade da denotação cumulativa, é compartilhada por SN massivos e SN plurais, mas está ausente de SN singulares.

- (11) *Cumulatividade*: um predicado **P** é cumulativo se, e somente se, sempre que o predicado **P** se aplicar individualmente a dois indivíduos quaisquer **x** e **y**, o predicado **P** também se aplique à soma de **x** com **y**.

Figura 2 – Cumulatividade e divisibilidade



Crédito de imagem: *soup bowl* by Artdabana@Design from the Noun Project.

Para nos referirmos a um equino (quadrinho 1 da Figura 2), podemos usar o termo *um cavalo*. A proposta foi formulada para singulares nus do inglês (*horse*, nesse caso); mas, como vimos, *cavalo* em português não denota singularidades, mas tem número neutro. Assim, a única forma de expressarmos unicamente o singular é por meio do SD *um cavalo*. Esse SD não pode ser usado para fazer referência a grupos de cavalos (não serve para falar dos objetos no quadrinho 2 nem dos objetos no quadrinho 3). Para falar de dois equinos, precisamos usar outra expressão, que pode ser o SN plural *cavalos*. Se tivermos mais cavalos (quadrinho 3), podemos continuar usando a mesma expressão; não importa quantos indivíduos equinos juntamos a eles, a mesma palavra continuará servindo. A propriedade de se referir a qualquer tamanho de pluralidade é a da referência cumulativa: a partir de dois indivíduos, até o infinito, cumulativamente, usaremos o nome no plural.

A propriedade da referência cumulativa também vale para líquidos e substâncias. Chamamos o conteúdo de uma vasilha de *sopa* (quadrinho 4), bem como o conteúdo somado de duas vasilhas (quadrinho 5), ou o de quatro (quadrinho 6), de *sopa*. A mesma expressão serve para qualquer quantidade. Se despejarmos o líquido de mais vasilhas numa sopeira, ainda chamaremos o que está lá dentro de *sopa*. A propriedade da referência cumulativa isola apenas as singularidades. Usamos *uma caneca* para o único objeto de porcelana da Figura 4, mas, para falar do conjunto de objetos de porcelana do quadrinho 5 ou do 6, ou de qualquer pluralidade, não mais servirá esse sintagma: precisaremos usar outro, *canecas*, no plural.

A cumulatividade é testada aumentando a quantidade do referente, para ver se podemos continuar a empregar uma mesma expressão linguística. Há outra propriedade do modo de referência que vai na direção inversa, verificando se a mesma expressão pode se aplicar a partes constituintes de uma referência: a divisibilidade, também conhecida como homogeneidade ou referência homogênea.

(12) *Divisibilidade*: Um predicado **P** é divisível se, e somente se, para todo **x** que pertence ao predicado **P**, todas as partes **y** de **x** também pertencem ao predicado **P**.

Para ilustrar essa propriedade, vamos voltar ao quadrinho (3) da Figura 2, que mostra um quarteto de *cavalos*. Podemos dividir esse grupo de

várias maneiras; vamos começar por um trio mais um cavalo solitário. Para nos referirmos ao trio, ainda podemos usar *cavalos*. Mas não podemos nos referir ao cavalo solitário remanescente usando *cavalos*; teremos de mudar de expressão, usando *um cavalo*. Logo, SN plurais não apresentam a propriedade da divisibilidade. Para nos referirmos ao animal do quadrinho (1), usaremos *um cavalo*. Como dividir essa referência? Se quisermos falar apenas das patas do cavalo, por exemplo, não poderemos nos referir a elas pela expressão *um cavalo*. Isso mostra que SN contáveis singulares também não apresentam divisibilidade no seu modo de referir. Já nomes como *sopa* apresentam essa propriedade. Vamos considerar a quantidade total ilustrada no quadrinho (6): podemos usar *sopa* para falar dela. Também podemos falar da metade dessa quantidade (quadrinho 5) usando o mesmo termo. Se dividirmos esse tanto pela metade novamente (quadrinho 4), ainda usaremos *sopa* para nos referirmos à menor quantidade obtida. Poderemos usar *sopa* mesmo para nos referirmos ao conteúdo de uma colherada retirada da substância que ocupa as canecas nos quadrinhos de (4) a (6). Assim, nomes de massa são divisíveis, nomes contáveis não.

O modo de referir separa então SN contáveis singulares (*um cavalo*), que não apresentam cumulatividade, tanto de nomes contáveis plurais (*cavalos*) quanto de nomes de massa (*sopa*). A cumulatividade é uma propriedade comum aos nomes contáveis plurais e aos de massa. O modo de referir distingue contáveis de massivos pela divisibilidade: apenas nomes de massa (*sopa*) fazem referência a um todo e a cada parte constituinte desse mesmo todo; essa propriedade não é encontrada nem nos SN contáveis singulares (*um cavalo*) nem nos plurais (*cavalos*). Há um limite mínimo de quantidade para a divisão da referência dos nomes contáveis, que, se for quebrado, levará à inadequação do uso daquela palavra: *cavalos* não pode se referir a menos que dois indivíduos, e *um cavalo* não pode se referir a menos que um indivíduo completo; já para os nomes massivos não aparece esse limite mínimo de quantidade: uma vez que reconheçamos que se trata de *sopa*, poderemos nos referir a qualquer quantidade dessa substância usando a mesma expressão.

Examinamos até aqui critérios semânticos: o ontológico, já descartado, e o do modo de referência, que se baseia na língua, já que os referentes estão organizados num domínio estruturado segundo certas propriedades.

Vamos agora examinar os critérios sintáticos. Os adeptos dessa visão defendem que, em vez do modo de ser do objeto referido no mundo, e em vez da forma como seu domínio é estruturado, é o comportamento gramatical de um SN que o define como contável ou massivo.

As propriedades gramaticais mais marcantes e gerais que estão relacionadas à distinção contável-massivo (chamadas de propriedades de assinatura) são:

(i) A combinação com morfologia de plural:

CONTÁVEIS		MASSIVOS	
MENOS QUANTIDADE	MAIS QUANTIDADE	MENOS QUANTIDADE	MAIS QUANTIDADE
<i>menino</i>	<i>meninos</i>	<i>água</i>	<i>#águas</i>
<i>balão</i>	<i>balões</i>	<i>oxigênio</i>	<i>#oxigênios</i>
<i>flor</i>	<i>flores</i>	<i>pó</i>	<i>#pós</i>
<i>carro</i>	<i>carros</i>	<i>lama</i>	<i>#lamas</i>

O morfema *-s* produz leitura de quantidade cardinal com nomes contáveis como *meninos*. Com nomes massivos, a forma pluralizada pode ter leitura de volume ou de tipos. *Águas* pode ser uma grande quantidade de água, como *as águas do pantanal*, ou mais de um tipo, como em *as águas com e sem gás*. Vale notar que não é tão fácil pluralizar SN massivos quanto é fácil fazer isso com os contáveis. A ocorrência de massivos pluralizados é mais restrita e necessita de informações contextuais.

(ii) A combinação direta com numerais cardinais:

CONTÁVEIS		MASSIVOS	
MENOS QUANTIDADE	MAIS QUANTIDADE	MENOS QUANTIDADE	MAIS QUANTIDADE
<i>1 menino</i>	<i>3 meninos</i>	<i>#1 água</i>	<i>#3 águas</i>
<i>1 balão</i>	<i>3 balões</i>	<i>*1 oxigênio</i>	<i>*3 oxigênios</i>
<i>1 flor</i>	<i>3 flores</i>	<i>*1 pó</i>	<i>*3 pós</i>
<i>1 carro</i>	<i>3 carros</i>	<i>*1 lama</i>	<i>*3 lamas</i>

A combinação direta com numerais é natural com nomes contáveis. Nomes massivos resistem a serem contados, a menos que venham acompanhados de um sintagma de medida. Assim, não dizemos *\*três oxigênios*, mas podemos dizer *três balões de oxigênio*. Os sintagmas *uma água* e *três águas* não soam totalmente estranhos porque já temos convencionalizado um sintagma de medida (*garrafa*, por exemplo).

Além disso, há também determinantes que são seletivos e sensíveis à distinção contável-massivo. *Cada*, por exemplo, é um determinante PB especializado em nomes contáveis. Veja o contraste ilustrado em (13). A sentença (13b) só seria adequada com uma leitura de tipos (sal rosa, negro, sal marinho, grosso etc.), mas nunca com uma leitura de unidades como (13a).

- (13) a. Eu comi *cada maçã* num dia diferente.  
b. ?Eu comi *cada sal* num dia diferente.

O determinante *um* também produz leituras diferentes quando combinado com massivos ou contáveis. Veja a diferença que aparece em (14). Enquanto (14a) define uma quantidade cardinal, (14b) não permite a leitura cardinal, só a de distinção entre tipos de sal.

- (14) a. Eu só tenho *uma maçã* em casa.  
b. Eu só tenho *um sal* em casa.

Em português, há, ainda, determinantes que selecionam exclusivamente nomes contáveis plurais, como *vários*, *diferentes*, *diversos*, *distintos*; mas não há em PB determinantes que se combinem exclusivamente com nomes de massa, como é o caso do *much* do inglês (*much sugar* ‘muito açúcar’, *\*much people* ‘muita pessoa’).

Os determinantes pluralizáveis, sem o morfema plural, podem também combinar-se com contáveis quanto a massivos: *muita criança*, *muita gente*, *toda a pizza*, *toda a força*, *pouca cadeira*, *pouco leite*. Além disso, temos o caso de *nenhum* e *todo* (sem artigo), que não têm forma plural, mas compõem-se com nomes contáveis e massivos: *toda criança*, *todo gás*, *nenhuma preocupação*, *nenhuma gasolina*.

Já o artigo definido pode combinar-se indistintamente com contáveis e massivos em diversas línguas, não só no PB. A estrutura algébrica que vimos anteriormente na Figura 1 oferece uma explicação lógica para isto: o artigo definido (seja plural ou singular) sempre seleciona o supremo ou seja, a maior soma presente na situação. Temos expressões como *a gata*, *as pessoas*. Todas elas significam a quantidade máxima do que o nome designa na situação considerada. No caso de nomes de massa, a quantidade não está previamente definida. Podemos dizer *a água acaba*.

para descrever o esgotamento da caixa d'água do prédio; ou essa pode ser a resposta da Maria ao João, quando eles foram caminhar levando uma garrada d'água para compartilhar; ou podemos falar do rio Slims, no Canadá, que desapareceu inteiramente em quatro dias, em 2017. São quantidades de água muito distintas, e umas são frações das quantidades das outras. De toda forma, estamos falando do volume máximo do contexto, seja qual for.

Mas se usamos o artigo com um nome contável, como em *a gata*, não há grandes variações de quantidade: não podemos contar do pescoço para cima como *a gata* e deixar o corpo e as pernas de fora (por exemplo, se apenas o pescoço e a carinha da gata estão para fora da caixa, não podemos descrever isso dizendo *A gata saiu da caixa*). Também não podemos usar *A gata é bonita* para falar da beleza de três gatas; a forma singular está restrita a um só animal, e inteiro.

No caso do plural, *as pessoas* não pode ser usado para falar de uma pessoa só, nem de meia pessoa; temos de ter somas de pessoas, embora possamos usar a expressão para qualquer número de pessoas acima de dois. Entretanto, a descrição definida plural sempre será entendida como falando da cardinalidade máxima de pessoas na situação examinada. Por exemplo, *As pessoas saíram da sala*, seja qual for o número de ocupantes, requer que todos tenham deixado o recinto.

Assim, em PB, tal como em algumas outras línguas, certos contextos (morfo)sintáticos, como a combinação com morfema de plural, a combinação direta com numerais e a combinação com certos determinantes é a assinatura de nomes contáveis.

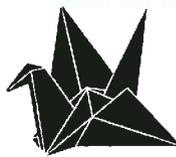
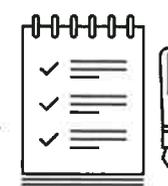
Essas propriedades gramaticais são chamadas de propriedades de assinatura porque elas permitem testar o comportamento sintático dos nomes, para verificar se são contáveis ou massivos.

#### 4.1 Novas categorias

Mesmo considerando as propriedades de assinatura vistas na última seção, vários fatos questionam os critérios semânticos apresentados (cumulatividade e divisibilidade). Sobretudo, não é nada trivial sustentar que contáveis têm átomos em sua denotação, enquanto massivos não têm. Existem nomes contáveis prototípicos, bem-comportados, como *menino*, que fazem referência específica a indivíduos singulares (podemos descrever a cena da entrada de Pedrinho usando a sentença *O menino entrou*) e são atômicos (Se Pedro entrou junto com João, vamos dizer *Os meninos entraram* e não *O menino entrou*; e se só a perna de Pedrinho está deste lado da sala, não podemos mais descrever a cena com *Pedrinho entrou*). Há também nomes massivos prototípicos, como *oxigênio* e *poeira*, que não aceitam morfema de plural (*\*Pedro aluga oxigênios*, *\*Eu tirei as poeiras da sala e do quarto*) e rejeitam contagem sem expressões de medida (*\*3 oxigênios*, *\*4 poeiras*, mas *5 cilindros de oxigênio* e *4 camadas de poeira*).

Entretanto, há nomes flexíveis, que tanto podem designar substâncias/ingredientes quanto unidades de coisas compostas por tais materiais. É o caso, por exemplo, de *papel*, *chocolate* e *pedra*. Nem mesmo as propriedades de assinatura determinam se estamos diante de contáveis ou massivos nesses casos.

Figura 3 – Nomes flexíveis

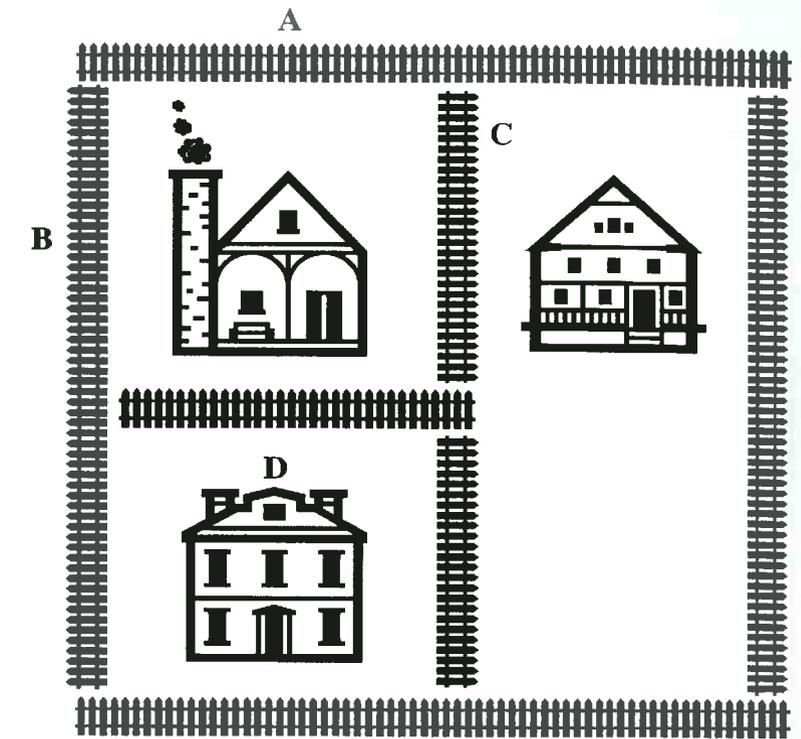
(i) 	(i) Essa cegonha é de <b>papel</b> . (massivo)  (ii) Tome <b>um papel</b> para fazer sua lista de compras. (contável)	(ii) 
(iii) 	(iii) O bolo e a cobertura levam <b>chocolate</b> . (massivo)  (iv) Comprei <b>um chocolate</b> para você. (contável)	(iv) 
(v) 	(v) O chão é de madeira, a parede é de <b>pedra</b> . (massivo)  (vi) Essa <b>pedra</b> não cabe no meu bolso. (contável)	(vi) 

Crédito de imagens: *origami* by Simon Child from the Noun Project; *check list* by lastspark from the Noun Project; *Birthday Cake* by Yoshi from the Noun Project; *chocolate* by Maxim Kulikov from the Noun Project; *stone wall* by Albert Vila from the Noun Project; *wood plank* by Laymik from the Noun Project; *rock* by Kevin from the Noun Project.

Além dos nomes flexíveis, que não são prototipicamente nem massivos, nem contáveis, há ainda nomes contáveis, como *cerca*, *corda* e *buquê*, que podem ser pluralizados (*cercas*) e modificados por cardinais (*3 cordas*) – ou seja, têm a assinatura contável –, mas não têm uma unidade mínima muito clara. Se tenho *uma corda* medindo um metro e corto essa corda no meio, cada metade obtida pela divisão será também *uma corda*. Antes eu tinha uma, agora tenho duas menores. Esses nomes são contáveis gramaticalmente, mas apresentam a propriedade da divisibilidade que era apontada pela abordagem semântica como distintiva de nomes de massa.

Por exemplo, se Maria é a dona da casa que tem fumaça saindo da chaminé, e considerando que as linhas são cercas, quantas cercas o desenho mostra?

Figura 4 – Quantas cercas?



Crédito de imagens: *House* by Fabián Sanabria from the Noun Project.

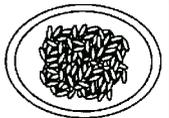
Podemos considerar que há uma só, que circunda completamente a propriedade (o quadrado formado pelas retas A, B, C e D); ou quatro, a das costas (coincidindo com parte da reta A), a da esquerda (que toma parte da reta B), a da direita (que é parte da reta C) e a da frente (a da reta D). Não há um tamanho padrão de cerca, o que dificulta a decisão de o que conta (exemplo adaptado de Rothstein, 2017).

Além desses nomes contáveis sem unidade mínima definida, há uma categoria conhecida na literatura como **falsos massivos**. Os falsos massivos são geralmente nomes de coletividade de indivíduos, ou de agregados, e, embora sejam cumulativos, não são homogêneos. Foi observado que algumas palavras com assinatura massiva (que não permitem contagem direta por numerais, ne

morfema plural) licenciam preferencialmente leituras de quantidade cardinal, em vez da de volume. É o caso de *gente, mobília, criançada, bagagem* etc.

Como se vê, dividir os nomes em dois grupos parece insuficiente. Há muito mais diversidade: cinco tipos de SN foram descritos, como vemos no quadro-resumo.

QUADRO-RESUMO DAS NOVAS CLASSES NOMINAIS

TIPO DE NOME	EXEMPLOS	LEITURA PREFERIDA COMO NU SINGULAR	CARACTERÍSTICAS
Contável (com átomos naturais)	<i>carro, cadeira, gato</i> 	cardinalidade	O nome aceita cardinal e plural ( <i>os gatos</i> ), mas o singular faz referência a um só indivíduo ( <i>o gato</i> ), e o plural, a 2 ou mais; uma parte componente (o rabo do gato) não pode ser chamada pelo mesmo nome.
Contável (sem átomo natural)	<i>cerca, corda, galho</i> 	cardinalidade	Não há uma unidade natural determinada: uma parte componente (a metade de um galho bifurcado) recebe o mesmo nome (é também um galho).
Massivo de Substância	<i>arroz, ar, urina</i> 	volume (é a única leitura obtida)	O nome não aceita cardinal nem plural ( <i>*3 arrozes</i> ); qualquer quantidade pode receber o mesmo nome.
Falso Massivo ou nome de agregado	<i>mobília, gente, prataria</i> 	cardinalidade	O nome não aceita cardinal nem plural ( <i>*3 gentes</i> ), mas sua referência é uma coleção de unidades contáveis; uma parte da quantidade em componentes (metade das pessoas) poderia receber o mesmo nome.
Flexível	<i>chocolate, vidro, pano</i> 	varia	O mesmo nome tem naturalmente interpretação de substância (o material de que é feita a telha) e de unidade natural (as azeitonas estão em <i>um vidro</i> ).

Vimos que todos os nomes nus singulares do PB permitem leitura de volume, embora a interpretação de cardinalidade seja a preferida para contáveis com átomos naturais; e que apenas os massivos de substância n permitem leitura de cardinalidade. A diferença entre os flexíveis, os contáveis com átomos naturais e os contáveis sem átomos aparece quando entram em sintagmas de determinante. Uma descrição definida como *o carro* (contendo nome contável com átomos naturais) é interpretada como uma unidade atômica de carro, e não há variação quanto à unidade a ser considerada; uma descrição definida como *a corda* (contendo nome contável sem átomos naturais) é interpretada como uma unidade atômica de corda, mas tal unidade varia bastante, podendo ter 20 metros ou a metade desse tamanho, ou um décimo dele, ou ser cinco vezes maior. Quanto a descrições definidas com nomes flexíveis, como *o vidro*, elas podem ser interpretadas como o material constituinte de um objeto (*O vidro do copo é transparente*), uma leitura igual à de massivos de substância, ou como uma unidade atômica (*O vidro de maionese vazio foi reutilizado para guardar parafusos*).

### 5. SINTAGMAS DE DETERMINANTES

Vimos na seção “Nominais nus” que sintagmas determinantes (Sintagmas Nominais) são mais facilmente licenciados em posição argumental do que nomes nus. Mas há outros fatos que separam os nominais em classes semânticas distintas, além da presença/ausência de determinante expresso, e veremos alguns casos nesta seção. Recapitulando, vimos na seção “Predicação e compicionalidade” do capítulo anterior que, na tradição fregeana, dividimos uma sentença como *João saiu* em duas partes: um argumento (*João*) e um predicado (*saiu*). O argumento se refere à pessoa que atende por esse nome. O predicado é uma função que busca por um argumento. À primeira vista, as sentenças em (15) parecem ter a mesma estrutura, mas qual seria a referência de cada uma das palavras em destaque que estariam sendo usadas como argumentos?

- (15) a. *Ninguém* saiu.
- b. *Alguém* saiu.
- c. *Todo mundo* saiu.

As expressões sublinhadas não apontam para determinado indivíduo, como *João*, ou para certo grupo de indivíduos, como *os meninos*. Entendemos de (15a) que todas as pessoas que estavam ali antes continuam ali; de (15b) que, entre as pessoas que estavam ali, uma saiu; e de (15c) que, das pessoas que estavam ali, não sobrou ninguém que ainda esteja ali. Mas quem eram essas pessoas? O indivíduo João será o referente constante de todas as sentenças em que seu nome figure como argumento, e é sempre da mesma pessoa que estamos falando, por exemplo, em *João dormiu*, *João acordou*, *Maria ama João*, *João gosta de cerveja* etc. Mas sentenças como (15a-c), usadas em situações diversas, não apontam sempre para a mesma pessoa ou grupo de pessoas. Para ilustrar, digamos que você está no meio da aula dupla de inglês, com outros 11 colegas. Na hora do intervalo, é comum muita gente ir embora. Nesse contexto, se você diz (15a), você está dizendo que as 12 pessoas que estavam na sala antes do intervalo permanecem. Se você diz (15b), você está dizendo que um dos seus colegas foi embora no intervalo, restando 11 para a segunda parte da aula. Se diz (15c), já na rua, você indica que não ficou ninguém para a segunda parte: os 12 presentes antes do intervalo partiram. Se você usar essas mesmas sentenças já em outra situação, por exemplo, no meio da sessão de cinema em que você está com 48 pessoas na plateia, *ninguém*, *alguém* e *todo mundo* não vão ser mais entendidos como fazendo referência à sua turma de inglês, mas aos presentes na sala de cinema.

Além disso, sintagmas como *ninguém*, *alguém* e *todo mundo* possuem um comportamento diferente em sentenças que são contraditórias com nomes próprios, como mostram os exemplos em (16). As marcas *i* e *j* em subscrito indicam se os sintagmas possuem ou não o mesmo referente. Assim, (16a) é contraditória porque não podemos dizer que o indivíduo denotado pelo sintagma *João* (que tem o mesmo referente *i*) saiu e não saiu. Já (16b) não é contraditória porque em cada uma das orações o sintagma tem uma referência diferente.

- (16) a. *João<sub>i</sub>* saiu e *João<sub>i</sub>* deixou de sair. (contraditória)  
 b. *Alguém<sub>i</sub>* saiu e *alguém<sub>j</sub>* deixou de sair. (não contraditória)

Da mesma forma, como o nome próprio mantém sua referência, encontramos uma diferença em estruturas de acarretamento como (17) e (18).

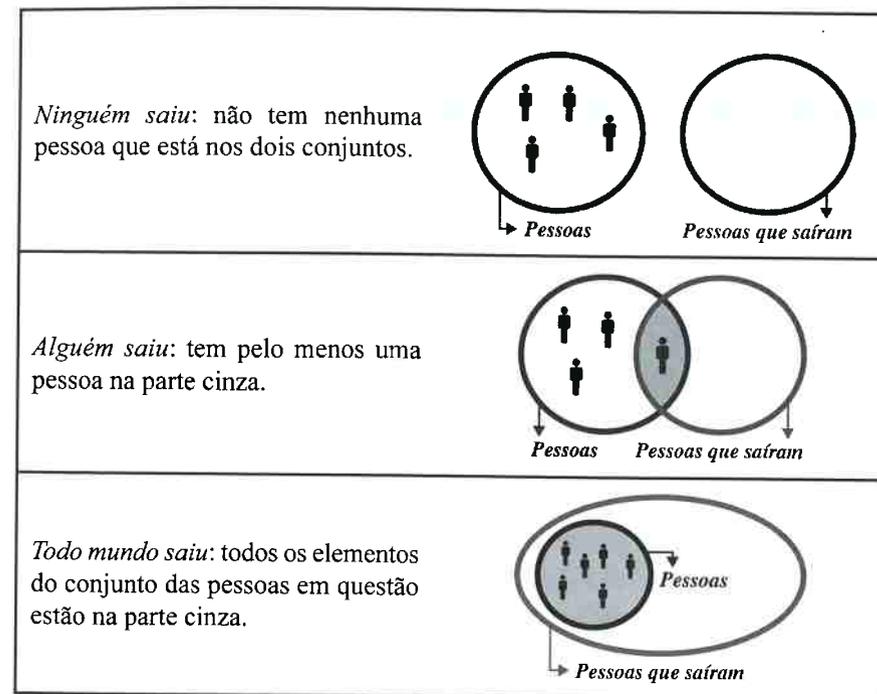
(17a) acarreta (17b) porque, se João saiu bem cedo, necessariamente ele saiu. Já (18a) não acarreta (18b) porque, mesmo que ninguém tenha saído cedo, alguém pode ter saído mais tarde.

- (17) a. *João* saiu bem cedo.  
 b. *João* saiu.  
 (18) a. *Ninguém* saiu bem cedo.  
 b. *Ninguém* saiu.

Como podemos dar conta da diferença entre nomes próprios, que mantêm sua referência de uma situação para outra, e expressões que, além de não fazerem isso, parecem mais complexas, como *ninguém* (= pessoa nenhuma), *alguém* (= uma dentre as pessoas) e *todo mundo* (= o total de pessoas em certa situação)? A ideia é que não estamos diante de argumentos canônicos, mas de funções mais complexas, que tomam como argumentos funções mais simples, como o predicado verbal *saiu*. Em vez de argumentos, *ninguém*, *alguém* e *todo mundo* são **quantificadores** e possuem uma denotação mais abstrata. Veja as definições a seguir e observe como elas estão de acordo com nossa intuição sobre a semântica desses itens.

- *Ninguém* é uma função complexa que relaciona um conjunto de indivíduos com a função do predicado e retorna o valor “verdadeiro” caso o predicado não se aplique a nenhum dos indivíduos do conjunto considerado.
- *Alguém* é uma função que relaciona um conjunto de indivíduos com a função do predicado e retorna o valor “verdadeiro” caso o predicado se aplique a pelo menos um indivíduo do conjunto considerado.
- *Todo mundo* é uma função que relaciona um conjunto de indivíduos com a função do predicado e retorna o valor “verdadeiro” caso o predicado se aplique a cada um dos indivíduos do conjunto considerado.

Dessa forma, garantimos que a sentença *Alguém saiu* significa uma mesma coisa na aula e no cinema, precisando apenas determinar qual é o conjunto de indivíduos considerado a cada situação. Você percebeu que cada um desses quantificadores expressa uma relação entre o conjunto das pessoas e o conjunto expresso pelo predicado *sair*. Uma maneira mais explícita de representar esse significado é desenhando conjuntos.



Vemos que essas expressões nominais, chamadas de **quantificadores generalizados** na literatura semântica, não designam um indivíduo particular, diferentemente de nomes próprios como *João*, mas produzem uma quantidade a cada uso. Essa propriedade levou a teoria a repensar o significado de sintagmas de determinantes, considerando que todos eles poderiam ser tratados de maneira uniforme. Vamos ver essa proposta na próxima seção.

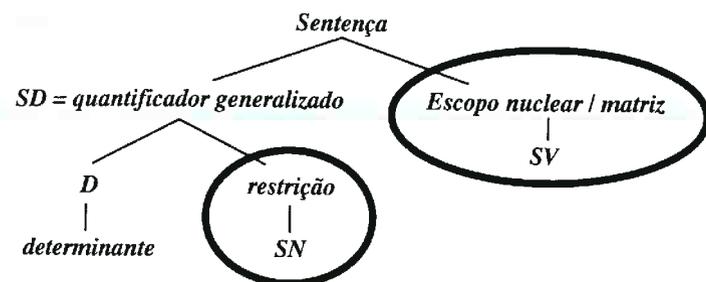
### 5.1 Quantificadores generalizados

Vimos que os quantificadores *ninguém*, *alguém* e *todo mundo* podem ser tratados como relações entre categorias ou conjuntos. Vimos na seção “Predicação e composicionalidade” que predicados como *saiu* são tratados como funções e nomes próprios como *João* são argumentos dessas funções. Assim, quando dizemos que *João saiu*, estamos dizendo que o indivíduo João pertence ao conjunto das pessoas que saíram. Dessa forma, sintagmas

quantificados e não quantificados fazem operações muito distintas. Vimos que não é possível tratar quantificadores como nomes próprios porque, diferentemente de *João*, sintagmas quantificados não se referem a ninguém específico, mas denotam operações mais abstratas. No entanto, é possível tratar nomes próprios de uma forma mais abstrata, semelhante à forma com que foram tratados os sintagmas quantificados. Podemos pensar que um nome próprio denota o único indivíduo na intersecção de todas as suas propriedades. Por exemplo, há diversos indivíduos do sexo masculino, escritores, que usam óculos, são casados, brasileiros e divertidos, mas só Luis Fernando Verissimo tem todas essas propriedades em conjunto com algumas outras, como a de ser filho de Érico Verissimo, ter nascido em 26 de setembro de 1936, ser autor de *O analista de Bagé* etc. Assim, podemos tratar um nome próprio como evocando todos os predicados cuja reunião torna único seu referente, ou seja, como um quantificador generalizado.

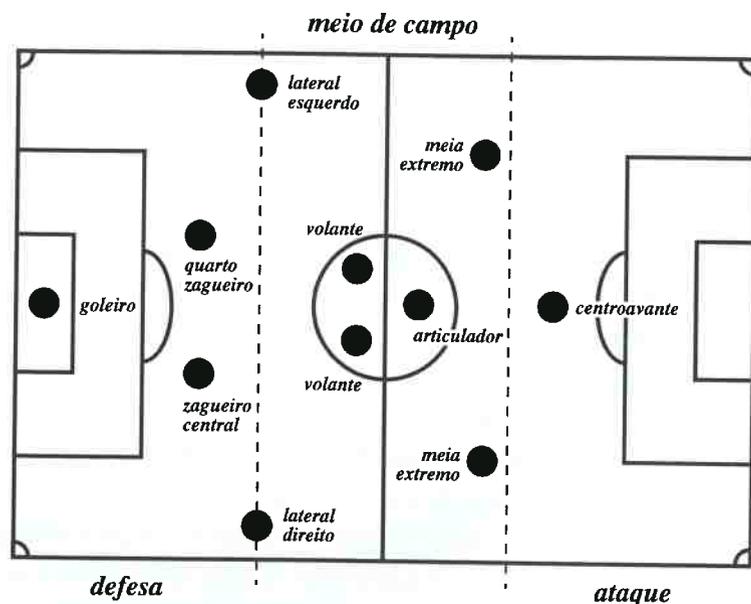
Barwise e Cooper (1981), em um trabalho considerado clássico na literatura semântica, propuseram que os determinantes se combinam a nomes comuns para formar quantificadores generalizados. Note que, para essa proposta, o que leva o nome de quantificador generalizado é o sintagma de determinante todo, tal como *Ninguém*, *João*, *os meninos*.

Um quantificador generalizado expressa uma relação entre dois predicados, um denotado pelo nome comum e outro pelo predicado sentencial, e explicita qual é a relação entre eles. Por exemplo, o quantificador/determinante *todo* pode tomar como argumento o núcleo nominal *aluno*, formando o quantificador generalizado *todo aluno*. Nesse ponto, ele verifica se, para cada indivíduo examinado no domínio, é verdade que esse indivíduo pertence ao conjunto dos alunos, determinando depois se estão na relação descrita pelo determinante (*todo*) com o conjunto denotado pelo predicado sentencial. No caso de *todo*, a relação que tornará verdadeira a sentença inteira é a de o conjunto denotado por *aluno* ser um subconjunto do conjunto denotado pelo predicado verbal. Assim, *Todo aluno saiu* será uma sentença verdadeira se o conjunto dos alunos for um subconjunto do conjunto dos  $x$  tal que  $x$  *saiu*. A relação estabelecida então é a seguinte:  $todo(aluno)(saiu)$ , que pode ser representada de forma abstrata da seguinte forma:  $D(SN)(sv)$ . A estrutura arbórea a seguir demonstra essa relação.



Vamos praticar a noção de relação entre conjuntos denotada por determinantes com o esquema a seguir. O time de futebol de várzea "O Glorioso" está completo e posicionado em campo.

Há 11 jogadores no total: um goleiro, dois laterais (um lateral esquerdo e um lateral direito), dois zagueiros (um central e um quarto zagueiro), dois volantes, um centroavante, um articulador e dois meios.

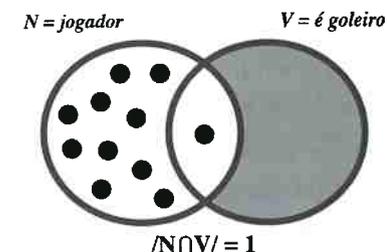


campo; quatro jogadores ficam do outro lado da linha, na metade do campo do time adversário. Alguns jogadores (três) ficam dentro do círculo central, e a maioria (oito), fora dele. Na nossa anotação, o conjunto N será o time, e

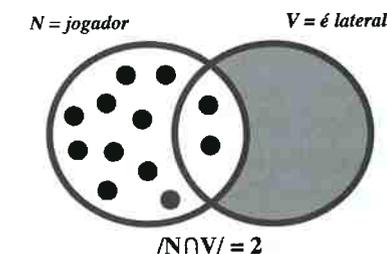
o conjunto V será o conjunto dos indivíduos de que o predicado sentencial é verdadeiro. Marcamos a interseção entre os dois conjuntos entre barras paralelas para indicar a função que nos dá a cardinalidade dos elementos na interseção. Por exemplo, para *Todo o time está em campo*, temos  $|N \cap V| = 11$  (na interseção de N – o time – com V – *estar em campo* – há 11 elementos).

Veja outras formas de se fazer referência ao exemplo:

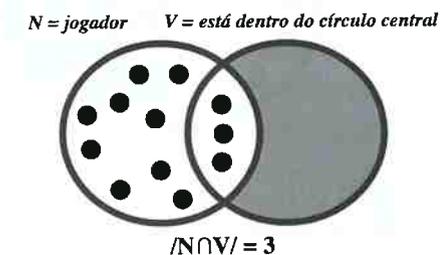
(19) a. *Um jogador é goleiro.*



b. *Dois jogadores são laterais.*



c. *Alguns jogadores estão dentro do círculo central.*

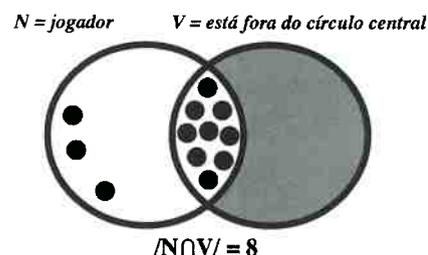


Vimos que os determinantes, segundo essa proposta, tomam como argumentos o nome comum e o sv, estabelecendo algum tipo de relação entre eles. Vimos que a cardinalidade atribuída aos participantes do evento ou

situação é obtida pela contagem de indivíduos na interseção dos dois conjuntos. A aferição da cardinalidade é possível por conta das propriedades formais das relações entre conjuntos. Vimos que bastou examinar o conjunto referente ao predicado nominal, ou seja, a parte que está em branco; a parte cinzenta (que corresponde aos elementos de V que não fazem parte do N) não nos interessa. Na maior parte das vezes, é suficiente contar os elementos da interseção, como fizemos em (19) anteriormente.

No entanto, há quantificadores generalizados que não permitem aferir uma quantidade cardinal de indivíduos. Isso acontece com quantificadores generalizados que, além de determinarem uma relação entre o nome comum e o sintagma verbal que incide sobre o preenchimento da interseção de ambos os predicados, também incluem uma comparação entre a quantidade contida na interseção desses conjuntos e a quantidade de elementos do predicado nominal que fica de fora da interseção. Observe que o diagrama que vem a seguir descreve uma das situações que tornam verdadeiras as sentenças (20a), (20b) e (20c), porque 8 (o número de jogadores fora do círculo central) é maior que 3 (o número de jogadores dentro do círculo central):

- (20) a. *A maior parte dos jogadores está fora do círculo central.*  
 b. *Mais da metade dos jogadores está fora do círculo central.*  
 c. *Muitos jogadores estão fora do círculo central.*



Como deve estar claro, não é preciso que haja exatamente 8 jogadores na interseção de N e V: outras situações, como, por exemplo, 7 jogadores fora do círculo central e 4 dentro, ou, ainda, 6 fora e 5 dentro, tornam verdadeiras as sentenças. Mas se houver menos jogadores dentro da interseção que fora dela, por exemplo, 7 dentro do círculo e 4 fora, as sentenças serão falsas. Mesmo se o número fosse igual (se um time tivesse apenas 10 jogadores, e,

nessa hora, metade deles estivesse dentro e metade fora do círculo central), a sentença seria falsa. Esses quantificadores generalizados não exigem a existência de uma cardinalidade específica, invariável de elementos na interseção, mas exigem que se mantenha certa proporção entre os elementos do nome comum que estão dentro e fora da interseção. Isso nos leva a ter de verificar, além da interseção, o restante dos elementos de N, no caso de quantificadores generalizados proporcionais, como *a maioria de* e *mais da metade de*, comparando N-V (os elementos do conjunto denotado pelo predicado nominal que não são elementos do verbal) com  $N \cap V$  (os elementos do conjunto denotado pelo predicado nominal que são também elementos do verbal). Em (20a), o número de jogadores fora do círculo central precisa ultrapassar o dos jogadores que estão dentro dele. A relação necessária pode ser expressa assim:

$$(21) \text{ A maior parte de } (N)(V) \leftrightarrow (N-V) < (N \cap V)$$

Os quantificadores generalizados não proporcionais não exigem essa comparação entre (N-V) e  $(N \cap V)$ . Para resolvermos a cardinalidade nos demais casos, bastou olharmos a interseção, como fica claro nas fórmulas conjuntísticas:

- (22) a. Todo  $(N)(V) \leftrightarrow N \subseteq V$  (o conjunto do predicado nominal é um subconjunto do verbal)  
 b. Algum  $(N)(V) \leftrightarrow N \cap V \neq \emptyset$  (a interseção entre os conjuntos do predicado nominal e do verbal não é vazia)  
 c. Nenhum  $(N)(V) \leftrightarrow N \cap V = \emptyset$  (os conjuntos do predicado nominal e do verbal não têm nenhum elemento em comum)

Apesar dessas diferenças, todos os quantificadores generalizados apresentam certas propriedades que são universais.

#### 5.1.1 PROPRIEDADES DOS QUANTIFICADORES GENERALIZADOS

Uma das propriedades de quantificadores generalizados é a conservatividade. Ela diz respeito ao fato de que a verificação da verdade de sentenças com argumento SD sempre nos leva a examinar o conjunto interseção  $(N \cap V)$ . No caso de *algum*, isso basta; no caso de *a maioria de*, além disso, é

preciso examinar também o conjunto denotado por (N-V). Mas não há quantificador generalizado nenhum que necessite do exame do conjunto denotado por (V-N). Não nos interessam os elementos de V que não são comuns a N. Essa parte estava destacada em cinza nas representações acima. Essa propriedade da necessidade de exame dos conjuntos  $N \cap V$  e N-V, mas não V-N, é chamada de conservatividade, e uma das formas de representá-la é a seguinte:

- (23) Uma relação R, entre dois conjuntos quaisquer, que chamaremos de A e B, será uma relação conservativa caso, sendo essa relação R mantida entre A e B, então essa mesma relação R seja mantida também entre A e sua intersecção com B ( $A \cap B$ ).

A teoria semântica adota o chamado universal da conservatividade, assumindo que, se determinada relação denotada pelo determinante se estabelecer entre N e V, ela também valerá entre N e ( $N \cap V$ ). Em palavras, podemos mostrar que os determinantes são conservativos da seguinte maneira:

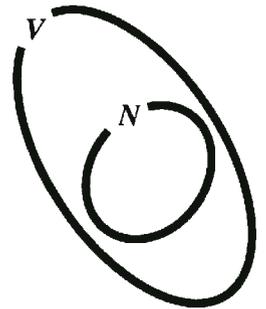
Um **universal** é uma propriedade encontrada em todas as línguas naturais. O da **conservatividade** é tido como válido para todos os determinantes, de qualquer língua natural. Observe o potencial de abstração e generalização de uma noção como essa, que está sendo ilustrada com dados do português brasileiro.

- (24) a. Todo gaúcho toma mate.  
 b. Se todo gaúcho toma mate, então todo gaúcho é um gaúcho que toma mate.
- (25) a. Algum brasileiro é carioca.  
 b. Se algum brasileiro é carioca, então algum brasileiro é um brasileiro que é carioca.
- (26) a. Nenhum paulista é gaúcho.  
 b. Se nenhum paulista é gaúcho, então nenhum paulista é um paulista que é gaúcho.

A afirmação de que todos os determinantes são conservativos parece se sustentar. No entanto, a sentença (27a) parece ser um contraexemplo. Veja:

- (27) a. Só homem fala palavrão.  
 b. Só homem é homem que fala palavrão.

O diagrama ao lado parece representar igualmente bem tanto (24a) quanto (27a). No primeiro caso, V representa os tomadores de mate e N os gaúchos; no segundo, V são os faladores de palavrão e N são os homens. Porém, definitivamente, (27b) não significa o mesmo que (27a). O que (27a) diz é que quem não é homem não fala palavrão; já (27b) diz que homens que falam palavrão são homens, uma trivialidade. Será que isso significa que não poderemos sustentar o universal da conservatividade? Sim, se *só* fosse um determinante, o exemplo com *só* derrubaria o universal que diz que todo determinante é conservativo. No entanto, *só* não é um bom exemplo para contradizer o universal, porque não é um determinante. Veja os exemplos:



- (28) a. *Só* o vizinho gosta da vizinha.  
 b. O vizinho *só* gosta da vizinha.  
 c. O vizinho gosta *só* da vizinha.  
 d. O vizinho gosta da vizinha *só*.

As sentenças em (28) não significam a mesma coisa: (28a) diz que mais ninguém, além do vizinho, gosta da vizinha; (28b) pode ser interpretado como dizendo que o vizinho apenas gosta da vizinha, não sentindo por ela nada mais forte: ele não a ama, não está apaixonado por ela; (28c) diz que o vizinho não gosta de mais ninguém, a não ser da vizinha; e (28d), que o vizinho gosta de encontrar a vizinha sozinha. Vemos que a interpretação muda conforme o material à direita de *só*: esse é o material que *só* modifica. Esse passeio de *só* pela sentença não é um comportamento típico de determinantes. Tanto que, se substituirmos *só* por *todo*, as sentenças em (28) ficaram estranhas. *Só* também se distancia dos determinantes por não fazer concordância de número nem de gênero e por poder combinar-se a categorias que não são nominais, como o SV *gosta da vizinha* em (28b) e o sintagma preposicional *da vizinha* em (28c). Assim, vemos que *só* é um modificador adverbial de exclusão, e não um determinante. Dessa forma, podemos concluir que o universal da conservatividade não foi derrubado pelo exemplo em (27).

## 5.2 Quantificadores fortes e fracos

Esta seção se dedica a apresentar a distinção dos quantificadores entre fortes e fracos. Como se verá mais adiante, essa distinção revela propriedades gramaticais relevantes para a distribuição dos SD em língua portuguesa. Vimos anteriormente que existem quantificadores pressuposicionais, ou seja, quantificadores que, para serem empregados naturalmente, com felicidade, requerem que o domínio apresente certa quantidade pré-definida de objetos daquela natureza. É o caso do artigo definido, do qual já falamos. Para obtermos a soma máxima de entidades na situação examinada é preciso que existam entidades daquele tipo na situação. A sentença *Um gato está em cima da árvore* soaria estranha se dita numa situação em que não há árvore nenhuma, ou em que quatro árvores estão em evidência na situação. Para os quantificadores pressuposicionais, o domínio, considerado segundo as condições do determinante, não pode estar vazio. Em outras palavras, o uso adequado requer a satisfação das condições pressupostas. Não diríamos *Ambos os livros são muito bons* se não houvesse exatamente dois livros em destaque. Com qualquer número de livros diferente de dois, com um só ou com três, por exemplo, o emprego de *ambos* seria infeliz. No caso de *ambos*, é preciso que haja dois indivíduos na situação; no caso de *a*, que haja exatamente um indivíduo. Vimos que *muito* é um determinante reflexivo, não pressuposicional, pois não requer uma quantidade exata e rigorosa de indivíduos.

Uma estrutura observada em várias línguas, que contrasta com o uso pressuposicional visto anteriormente, é a construção existencial ou apresentacional, que consiste num verbo (*haver, existir, ter*) seguido de um SD ou NN, e de um sintagma preposicional que indica um lugar ou situação em que o referente do nominal apresentado ao ouvinte está localizado. Todos os NN (o plural e o singular) podem entrar nessa construção, mas nem todo SD é adequado nessas sentenças. Imagine que alguém está respondendo à pergunta *Por que você parou de comer?* da seguinte forma:

- (29) a. Tem uma mosca na minha sopa.  
 b. Tem duas moscas na minha sopa.  
 c. Tem alguma(s) mosca(s) na minha sopa.

- d. Tem muito alho na minha sopa.  
 e. Tem pouco alho na minha sopa.  
 f. Tem qualquer coisa de estranho na minha sopa.  
 g. #Tem toda mosca na minha sopa.  
 h. #Tem a mosca na minha sopa.  
 i. #Tem ambas as moscas na minha sopa.  
 j. #Tem todas as moscas na minha sopa.  
 k. #Tem cada mosca num lado do meu prato de sopa.  
 l. #Tem a maioria das moscas na minha sopa.  
 m. #Tem nenhuma mosca na minha sopa.

Os determinantes que soam naturais nesse contexto são chamados de fracos (29a-f) e os que soam estranho são chamados de fortes (29g-m). Os SD que não ficam bem em existenciais são os irreflexivos ou pressuposicionais. No caso de *nenhum* (29m), um problema adicional é o licenciamento desse item negativo, que, após o verbo, exige estar sob o escopo da negação, como vemos em *Não tem nenhuma mosca na minha sopa*. Se esse quantificador vier na posição de sujeito, com em *Nenhuma mosca está na minha sopa*, também não há problema. Mas a construção existencial afirmativa requer que o sintagma quantificador (SQ) fique após o verbo, e nessas construções (*\*Há nenhuma mosca na minha sopa*), *nenhum* não é licenciado.

## 5.3 (In)definitude

Vimos que os nomes próprios se distinguem de alguns sintagmas de determinante quanto à variabilidade do referente. Se um nominal tem um referente fixo, invariável, esse referente não pode ocupar dois lugares ao mesmo tempo. Por isso, tanto o par de sentenças *Belo Horizonte fica em Minas Gerais* e *Belo Horizonte não fica em Minas Gerais* quanto o par de sentenças *Belo Horizonte fica em Minas Gerais* e *Belo Horizonte fica em Mato Grosso* são contraditórios: o referente do nome próprio *Belo Horizonte* não pode estar simultaneamente em dois lugares. Agora observe o que acontece quando substituímos o nome próprio por sintagmas de determinante.

- (30) a. A capital mineira fica em Minas Gerais e a capital mineira fica em Mato Grosso.  
 b. Toda cidade mineira fica em Minas Gerais e toda cidade mineira fica em Mato Grosso.  
 c. Por falar em Uberlândia e Uberaba, ambas as cidades ficam em Minas Gerais e ambas as cidades ficam em Mato Grosso.
- (31) a. Uma capital fica em Minas Gerais e uma capital fica em Mato Grosso.  
 b. Muitas cidades ficam em Minas Gerais e muitas cidades ficam em Mato Grosso.  
 c. Dez cidades ficam em Minas Gerais e dez cidades ficam em Mato Grosso.

Você notou que os exemplos com SD em (30) são tão contraditórios quanto aquele que vimos com um nome próprio como sujeito? E você percebeu que os exemplos com SD em (31) não são contraditórios? Isso ocorre porque os SD que aparecem em (30) têm referência fixa, invariável; as duas menções de *a capital mineira*, *toda cidade mineira* e *ambas as cidades* são interpretadas como denotando um mesmo objeto; já os SD de (31) podem ser interpretados a cada aparição na sentença com uma referência diferente. Assim, podemos entender de (31a) que uma capital está em Minas e outra em Mato Grosso; de (31b), que há um bom número de cidades em cada estado; e que estamos falando em (31c) de 20 cidades distintas ao todo, metade delas localizada em Minas e metade fora de Minas. Os determinantes de referência fixa são chamados de definidos; os de referência variável, de indefinidos. Quanto à manutenção da referência, os definidos se comportam como os nomes próprios. Mas veja o que acontece na retomada anafórica entre sentenças separadas:

- (32) a. *Félix*<sub>i</sub> ficou trancado no banheiro. *Ele*<sub>i</sub> miava muito.  
 b. *Um gato*<sub>i</sub> ficou trancado no banheiro. *Ele*<sub>i</sub> miava muito.  
 c. #*Cada gato*<sub>i</sub> ficou trancado num cômodo. *Ele*<sub>i</sub> miava muito.  
 d. #*Nenhum gato*<sub>i</sub> ficou trancado no banheiro. *Ele*<sub>i</sub> miava muito.

Nesse caso, *um* (32b) se comporta como o nome próprio *Félix* (32a), permitindo que ele, na segunda sentença, retome a referência do SD. Já a retomada do referente dos quantificadores generalizados *cada gato* (32c) e *nenhum gato* (32d) por *ele* (singular) é bloqueada. No caso de *cada gato*, porque o referente é uma pluralidade, e no caso de *nenhum gato*, porque não se pode recuperar um referente inexistente. Esse contraste já mostra que o determinante *um* é bastante peculiar. Há, ainda, um tipo de contexto de anáfora complexa em que sua interpretação se aproxima mais da do quantificador generalizado *todo*. Veja:

- (33) a. *Todo* fazendeiro que tem um burrinho bate nele.  
 b. Se *um* fazendeiro tem um burrinho, sempre bate nele.

Repare que (33a) e (33b) são sinônimas, mas na primeira sentença temos *todo* e, na segunda, *um*. Como o mesmo indefinido pode ser interpretado como um universal numa sentença (33b) e como um existencial em outra (32b)? Em (32b), *um* dizia que existia certo gato trancado no banheiro em (33b), quer dizer que todo e qualquer fazendeiro dono de burrinho se comporta desse jeito. Mas em (33) não é qualquer fazendeiro que espanca burrinhos, nem qualquer burrinho que apanha: cada fazendeiro bate no burrinho que possui, ninguém bate no burrinho do vizinho. Essas são anáforas complexas, e tanto distributivos como *cada* e *todo* quanto o indefinido *um* podem formá-las. Esse exemplo mostra uma variabilidade de interpretação do indefinido *um* em estruturas específicas, como o antecedente de um condicional em (33b). Há, ainda, casos em que *um* está ao alcance de mais de um operador, o que permite que a sentença seja ambígua. Observe:

- (34) a. Maria quer se casar com *um* artista de cinema.  
 b. *Um* brasileiro gosta de dançar funk.

Na leitura existencial, (34a) informa, por exemplo, que Maria Odeon, atriz, está de casamento marcado com Renan Torres, o galã daquele último

**Retomada anafórica** diz respeito à manutenção do referente apresentado anteriormente. Um dos mecanismos clássicos de retomada desse tipo é o pronome. Comumente, em Linguística, utilizamos um subscrito *i, j* para representar a conservação do referente.

filme nacional. Na outra leitura, Maria pode ser uma menina de 5 anos, que não conhece nenhum ator pessoalmente, mas acha lindos os protagonistas das novelas e sonha em estar casada com um ator famoso qualquer quando crescer. Paralelamente, (34b), na leitura existencial, diz que existe um brasileiro, por exemplo, o Zé das Couves, que gosta de dançar ao ritmo do funk; na leitura universal, a mesma sentença diz que todo e qualquer brasileiro aprecia esse ritmo.

Essa variabilidade na leitura levou à proposta de que os sintagmas indefinidos como *um artista* e *um brasileiro* não são inerentemente existenciais. Eles não têm força quantificacional própria. O artigo indefinido combinado a um nome comum não é tratado como um quantificador generalizado nessa visão, mas como um recurso para introduzir um referente novo no discurso. A sua força aparente vem de fora, do contexto, daí a sua variabilidade. A expressão indefinida depende do discurso anterior (leitura anafórica, dependente de informação dada) ou do contexto (primeira menção do referente).

A abordagem que trata dos indefinidos como sintagmas sem força quantificacional própria é conhecida como a Teoria da Representação no Discurso (DRT, em inglês) ou Semântica Dinâmica (de atualização de arquivos). Seus expoentes são, respectivamente, Hans Kamp e Irene Heim. Segundo essa abordagem, o ouvinte vai construindo uma representação mental do discurso à medida que ele se desdobra, sempre acrescentando novas informações às que já tinha. É como se os referentes recebessem fichas catalográficas, do tipo do nosso prontuário médico, ou um documento no computador. Ao ouvir pela primeira vez falar sobre um referente, uma ficha é aberta no seu nome. A cada vez que uma nova informação sobre o tal referente aparece, ela é acrescida à ficha e o documento é atualizado. Qualquer objeto saliente no discurso pode servir de antecedente a um pronome. As regras discursivas são: para cada indefinido, abra um novo arquivo; para cada definido, atualize as informações armazenadas nos arquivos abertos. Assim, os artigos indefinidos indicam novidade/primeira menção do referente, e os definidos, familiaridade com esse referente discursivo. A retomada de um referente por anáfora pressupõe que ele já seja familiar, por estar

saliente na situação ou por já ter sido mencionado. Isso pode ser observado em qualquer conversação, ou nas narrativas. A título de exemplo observe na forma de que tipo de SD o referente em itálico aparece primeira vez, e como ele reaparece quando é mencionado de novo.

#### A LENDA DA MANDIOCA

Era uma vez *uma linda indiazinha*, chamada Mani. *A indiazinha*, mor criança, deixando todos tristes. O corpo *da indiazinha*, foi sepultado sua própria oca, segundo a tradição do seu povo. Todos os dias, a aldeia chorava sobre sua cova. Ali cresceu *uma planta*, desconhecida. *A planta* era um presente do deus Tupã. O corpo da menina se transformou para alimentar sua tribo. Como *essa raiz*, nasceu dentro da oca de Mani, recebeu o nome de Manioca, ou mandioca.

Você deve ter percebido que aparece um SD indefinido na primeira vez, e aparecem SD definidos nas seguintes. Já falamos que os indefinidos podem ser considerados sintagmas sem força quantificacional própria. Eles introduzem novos referentes no discurso, mas e quanto aos definidos? Há duas abordagens clássicas concorrentes sobre o artigo definido. Russell (1905) trata uma descrição definida como *a indiazinha* como um quantificador generalizado pressuposicional. Há certas condições que regem o emprego de um SD definido como esse: a de que o referente da descrição definida exista (pressuposição de existência), e a de que seja o único elemento com as propriedades dos dois conjuntos (na interseção de ambas as situações examinadas (pressuposição de unicidade). Frege (1892), por outro lado, entendia que o artigo definido tomava um conjunto unitário como argumento e devolvia o indivíduo (singular ou plural) que é o único elemento desse conjunto. Também na análise de Frege, o artigo definido pressupõe existência e de unicidade.

Em uma abordagem mereológica, como a de Link (1983), visamos a seção “A semântica do plural”, o artigo definido seleciona sempre o primeiro, ou seja, a maior soma existente no domínio recortado. O artigo definido plural escolhe o maior conjunto de indivíduos existente no recorte do domínio contável, que vai ser a pluralidade máxima à disposição.

Em todas as línguas naturais com SD definidos e indefinidos, o definido é o marcado, no sentido de que o falante, ao usá-lo, está comprometido com uma porção de informações que assume como certas e também sabidas pelo seu ouvinte: a de que existe o referente da descrição definida, a de que só existe aquele elemento do predicado nominal na situação relevante e a de que os ouvintes já estavam familiarizados com esse referente. Se essas condições não forem satisfeitas, é mais apropriado usar o indefinido. O indefinido também pode ser usado em situações em que o referente exista, seja único e familiar. Mas o indefinido não é licenciado exclusivamente nessas condições, podendo ser usado nessas e em outras. Por isso o definido é o mais marcado: sua distribuição é mais restrita. Os falantes de PB levam isso em conta inconscientemente para decidir qual SD usar.

#### 5.4 Escopo de quantificadores

Vimos que os sintagmas nominais não são todos iguais. Há nomes próprios e quantificadores generalizados. Além de o PB ter nomes nus, tanto plural como singular, tem vários tipos de determinantes. Mesmo uma classe muito pequena, como a dos quantificadores universais, *todo* e *cada*, apresenta muita diferença entre si. Não podemos trocá-los nas sentenças *Todos pensam da mesma forma* e *Cada um pensa de um jeito*, porque *todos* permite as leituras coletiva e distributiva, mas *cada* só permite a distributiva. Nas sentenças em (35), vemos que a ideia de que diversos indivíduos tomam parte numa ação coletiva, como *entrar em acordo*, pode ser expressa com *todo* (35a), mas não com *cada* (35b), porque não faz sentido distribuir o predicado *concorda* para cada membro do argumento. Veja a diferença com as sentenças (35c-d), cujo predicado pode ser atribuído tanto coletivamente quanto distributivamente.

Leituras coletivas são aquelas em que o predicado se aplica ao argumento como um todo. Por exemplo, em *As pombas são numerosas na cidade*, *ser numeroso* não é uma propriedade de cada uma das pombas, mas do conjunto delas. Leituras distributivas exigem que cada indivíduo denotado pelo argumento tenha a propriedade do predicado. Por exemplo, em *As pombas são brancas*, *ser dessa cor* é uma propriedade encontrada individualmente.

- (35) a. *Todos* concordam.  
 b. \**Cada* um concorda.  
 c. *Todos* os vizinhos compraram uma geladeira.  
 d. *Cada* vizinho comprou uma geladeira.

A sentença (35c) tem duas interpretações: ou cada um dos vizinhos adquiriu sua própria geladeira, e cada um tem a sua, ou todos se cotizaram para comprar uma única geladeira. Já a sentença (35d) tem uma leitura só, a distributiva: se são 5 os vizinhos, então serão 5 as geladeiras. A ambiguidade notada em (35c) é resultado da diferença no que chamamos de escopo de quantificadores. Temos dois determinantes na sentença, *todos* e *um*. Na ordem visível, *todos* é um constituinte mais alto que *um*, pois está mais à esquerda, e, assim, tem escopo sobre *um*, gerando a leitura de que, a cada elemento do conjunto dos vizinhos, corresponde uma geladeira. Mas o determinante mais à direita na sintaxe visível pode se mover cobertamente, assumindo uma posição mais alta que o outro, apesar de isso não aparecer na ordem da sentença tal como pronunciada. Com esse movimento coberto, *um* tem escopo sobre *todos*, e a interpretação é a de que existe uma geladeira que todos os vizinhos compraram. A interface sintaxe-semântica explica por que sentenças com dois determinantes, ou com um determinante e um operador como a negação, apresentam duas interpretações. Vejamos mais alguns exemplos:

- (36) a. 2 alunos leram 7 livros.  
 b. Toda seta atingiu um alvo.  
 c. Muitos homens têm vários filmes favoritos.

Você já anotou mentalmente a duplicidade de sentido nessas sentenças? Para (36a), uma interpretação, em que 2 tem escopo sobre 7, é a de que cada membro da dupla de alunos, leu, sozinho, 7 títulos; a outra leitura, em que 7 tem escopo sobre 2, é a de que a dupla leu os 7 livros em conjunto: somando, por exemplo, os 3 livros que o primeiro aluno leu aos 4 livros lidos pelo segundo, obtemos um total de 7. A sentença (36b), com *todo* tendo escopo sobre *um*, significa que cada seta atingiu seu próprio alvo; já com *um* tendo escopo sobre *todo*, a sentença diz que determinado alvo foi atingido por todas as setas. Já (36c), numa leitura, estabelece o fato de que é comum haver

vários filmes favoritos, ou seja, muita gente gostar simultaneamente de um punhado de filmes, e cada homem pode ter sua própria lista de favoritos, detestando os filmes que os outros preferem; na leitura de escopo invertido, com *vários* na frente de *muitos*, a sentença diz que existe uma lista com vários filmes que foram eleitos os mais apreciados na opinião de muitos.

Apresentamos neste capítulo um breve resumo do que já se sabe sobre os nominais; parece bastante coisa, mas há ainda muito por investigar. Os nominais merecem tanta atenção? A semanticista Barbara Partee (2012: 127) responde:

Não surpreende que a quantificação tenha sido um dos primeiros tópicos explorados conjuntamente por linguistas, lógicos e filósofos. Surpresa mesmo é que, mesmo após a Semântica Formal ter expandido seu alcance por vastos territórios da linguagem, a pesquisa sobre quantificação ainda continuar a ser um tópico ativo e inovador.

Apesar de as questões por aprofundar não serem poucas, iniciamos o nosso leitor em uma série de fenômenos, como a distinção massivo-contável, as diferenças gramaticais entre um nome nu e um sintagma de determinante, a operação semântica de plural e o escopo de quantificadores. Você agora já deve ser capaz de identificar determinantes fortes e fracos, definidos e indefinidos, proporcionais e quantificacionais etc. Revisamos também nossa teoria composicional, examinando os motivos para assumir que quantificadores generalizados tomam o SV como argumento, em vez de serem argumentos dele. No próximo capítulo, vamos olhar mais de perto para o sintagma verbal.

### Leituras complementares

Uma leitura, em português, que oferece uma noção sobre as **propriedades semânticas dos nominais** é o texto de Ana Müller, “A semântica do sintagma nominal”, do livro *Semântica formal*, publicado pela Contexto em 2003.

Para aprofundar seu estudo sobre a distinção **contável-massivo** e a **semântica de plural**, sugerimos dois textos clássicos: “The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms: A Lattice-Theoretical Approach”, de Godehard

Link, publicado no livro *Meaning, Use, and Interpretation of Language*, em 1983; e “Reference to Kinds across Languages”, de Genaro Chierchia, artigo que saiu na *Natural Language Semantics* em 1998. É a partir desses textos que a teoria semântica avançou na análise dos nominais nas línguas naturais.

Para saber mais sobre a proposta dos **quantificadores generalizados**, a leitura seminal é a do artigo de Barwise e Cooper “Generalized Quantifiers and Natural Language”, publicado na *Linguistics and Philosophy* em 1981.

A proposta de Irene Heim para os indefinidos como sintagmas sem força quantificacional própria foi publicada em sua tese, de 1982, *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*, e é uma das mais influentes na teoria semântica atual. Essa é uma leitura fundamental para quem quer se aprofundar no estudo dos **sintagmas de determinante**.

### Exercícios

1. Represente com dois conjuntos as seguintes sentenças:
  - a. Pelé não marcou nenhum gol pelo Santos nos últimos quatro jogos.
  - b. Nada me agrada nesta loja.
  - c. Você disse tudo. Nada a acrescentar.
  - d. Ninguém votou no Dr. Fulano.
  - e. Tem algo errado com o carro.
  - f. Está tudo errado nesta prova.
  - g. Ninguém conseguia dormir às vésperas da viagem.
  - h. Você disse que todo mundo já estava na sala de reuniões, mas lá não tinha ninguém.
  - i. Não almoço mais nesse restaurante. Algo me fez mal.
  - j. Pisei em algo.
2. Na seguinte notícia, publicada no *Jornal do Brasil* de 21 de novembro de 2017, circule os SD e classifique cada um como definido ou indefinido. Em seguida, explique por que o autor da matéria optou por um SD definido/indefinido a cada passagem, utilizando as noções de existência, unicidade e familiaridade.

Um quadro do pintor metafísico italiano Giorgio de Chirico (1888-1978) foi roubado do Museu de Belas Artes de Béziers, no sul da França. A pintura “Composição com autorretrato”, de 1926, pertencia à coleção de Jean Moulin, figura histórica da Resistência Francesa na Segunda Guerra Mundial, e, segundo especialistas, possui “valor inestimável”. O crime ocorreu no último dia 16 de novembro, mas foi divulgado apenas nesta terça-feira (21). Na hora do fechamento do museu, que não tem câmeras de vigilância, funcionários se depararam com a moldura do quadro vazia. “As primeiras investigações apontam que a tela foi removida com um estilete”, diz uma nota da Prefeitura de Béziers.

Disponível em: <<http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2017/11/21/quadro-do-italiano-giorgio-de-chirico-e-roubado-na-franca>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

3. Observe o fenômeno apresentado nos dados em (a) e (b); a seguir, descreva e explique o contraste que eles ilustram.
  - a. O Grêmio/o meu time do coração/um time entrou em campo ontem às 16h. Ele venceu o jogo.
  - b. Toda mulher/nenhuma mulher/mais de uma mulher defende os filhos. \*Ela ficou muito brava.
4. Se eu tenho um rolo de corda de 10 metros, e corto três pedaços de corda de 2 metros cada, tanto o rolo quanto cada um dos pedaços obtidos podem ser chamados de “corda”. Posso também dizer que tenho três cordas, além do que sobrou do rolo de corda. Comente esse fato, argumentando contra a separação binária dos nomes em massivos *versus* contáveis. Use os conceitos de cumulatividade, divisibilidade e as propriedades de assinatura dos nomes contáveis.
5. Explícite duas leituras possíveis para cada uma dessas sentenças e explique como elas são produzidas:
  - a. João não comeu carne três vezes neste mês.
  - b. Diversos homens amam poucas mulheres.
  - c. Todos detestam um menino chorão.